

Igreja garante votos ao PT no sertão

MOURA REIS

A batalha do agreste no segundo turno das eleições presidenciais ganhou conotações que lembram Glauber Rocha: está se definindo como uma luta entre "Deus e o Diabo na Terra do Sol". Embora, dos finalistas Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva, não esteja muito claro quem será santificado pelo eleitor como o anjo bom e quem ficará esconjurado como o demônio. Os partidários de qualquer dos candidatos, logicamente, pintam seu preferido como dono das chaves do paraíso e o adversário com as cores fortes de um horrendo e perigoso Satanás.

Participante ativa da batalha, a Igreja católica, pela voz de seus líderes, jura por Deus que não trabalha por nenhum dos dois. Limita-se apenas, no cumprimento de sua missão apostólica, a orientar o eleito — formado, na grande maioria, por gente muito simples — a "escolher bem" o próximo presidente da República.

Mas, sem muita sutileza, utiliza a linguagem da parábola para "orientar" os eleitores no sentido de que a decisão do voto deve ser comparada à necessidade de trocar ou não o sapato. Quem estiver satisfeito com o lustroso par que usa deve escolher um candidato que signifique continuidade do conforto dos próprios pés. Os que caminham pelas estradas do sertão com muitos calos provocados pelo calçado apertado ou até queimaduras nos calcanhares, nascidas do contato direto dos pés descalços com a areia quente, devem votar num candidato que abra perspectivas de mudanças: a troca dos sapatos apertados ou condições para a compra de um novo par, do tamanho dos pés.

Com menos sutileza ainda, os padres, freiras e Comunidades Eclesiais de Base lembram que, "por simples coincidência", um dos candidatos ao segundo turno é muito rico, usa sapatos finos e confortáveis e

representa a manutenção do País na situação em que se encontra. O outro é pobre e quer mudar tudo, para beneficiar "o povo pobre e sofrido". Não citam nomes. Deixam que cada eleitor "decida livremente" qual dos dois candidatos é o mais conveniente.

Os resultados do primeiro turno, em todo o Nordeste, não traduzem o que se poderia entender como grande sucesso da parábola dos sapatos. Fernando Collor de Mello, nunca citado nominalmente, mas sempre identificado como o candidato dos ricos, ganhou em todos os Estados. Lula, apontado como o representante dos pobres, oscilou entre o segundo e o terceiro lugares. Ganhou em algumas capitais, como Recife, mas perdeu na maioria das pequenas cidades. Em Pernambuco, por exemplo, amargou a derrota em Garanhuns, cidade onde nasceu, e ganhou em apenas 21 dos 101 municípios com menos de 10 mil eleitores. Destes, 78 preferiram Collor e dois, distraídos, escolheram Brizola e Ulysses Guimarães.

O bispo de Afogados da Ingazeira, D. Francisco Austregésilo Mesquita, um homem sereno, de 66 anos, que gosta de fumar cachimbo depois do almoço, profundo conhecedor do agreste onde trabalha há 28 anos, reconhece, conformado: "Infelizmente, os pobres ainda não estão votando em candidatos pobres".

A polarização do segundo turno entre pobres e ricos é certamente o mais forte ingrediente para acirrar a batalha do dia 17. O Nordeste é dono de 21,5 milhões de votos, ou 26,23% do colégio eleitoral do País, e registrou no primeiro turno o maior índice de abstenção. Mais de quatro milhões de nordestinos não foram às urnas, — 18,72%, bem acima do índice nacional de 11,93% —, a grande maioria nas pequenas cidades do agreste. A busca frenética a esses faltosos, cujo total supera os 2,4 milhões que Collor botou à frente de Lula na região, movimentou os cabos eleitorais dos dois candidatos.